

Rádio e Leitura¹

Profa. Dra. Maria Inês Amarante²

Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA

Resumo

A proposta deste artigo, baseado em pesquisas documental, bibliográfica e trabalhos de campo, é trazer reflexões sobre o elo existente entre o rádio e a leitura, tendo em vista configurar-se como uma oralidade mediatizada, aproximando voz e palavra. Sua linguagem específica propicia e estimula outras formas de “leitura do mundo” e a divulgação de obras literárias de diversos gêneros - em variados formatos e suportes -, tem sido experimentada em diferentes ambientes culturais, como comunidades e escolas. São abordadas as concepções de leitura, transmissão oral, bem como as variadas possibilidades educativas que o rádio oferece através de relatos de experiências havidas com narrações e adaptações de textos dramatizados, realizadas em regiões do Brasil, Timor-Leste e Cabo Verde. Embora o rádio brasileiro ofereça poucas opções educativas, ele se apresenta como um local mediador de cultura.

Palavras-chave

Rádio; Oralidade; Leitura; Educação; Dramatização

I. Introdução

Ao pensarmos em leitura, nos remetemos geralmente a letramento, alfabetização, palavra escrita! Porém, somos detentores de uma cultura oral particular – e essa oralidade presente na América Latina e em outros países do sul foi o fator determinante para a vasta penetração do rádio e a importância que foi adquirindo ao longo do tempo para marcar a vida cotidiana e servir ao desenvolvimento sociocultural dos povos, sobretudo em zonas rurais e mais distantes dos grandes centros (MARTIN-BARBERO, 2009; CANCLINI, 1998, p. 256-9).

E o rádio vem associado à voz – que é um fenômeno central em todas as culturas. Voz que transmite palavra; voz que narra, preservando uma cultura ancestral e a memória dos povos; voz que canta e perpetua os mais variados sons... Pensamos então na ditocomia entre o oral e o escrito que nos foi imposta pelos conquistadores do novo continente.

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Adjunta e pesquisadora da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Rádio e Comunicação Comunitárias); Curso de Letras, Artes e Mediação Cultural; Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: ines.amarante@unila.edu.br.

Paul Zumthor, em sua obra *Performance, Recepção e Leitura* (2000), afirma que os meios eletrônicos, auditivos e audiovisuais são comparáveis à escrita por três razões: abolem a presença de quem traz a voz; a voz que transmitem saem do plano presente cronológico e, por último, eles tendem a apagar as referências espaciais da voz viva – e tornam-se espaço artificial de uma voz mediatizada...

Embora o que caracterize primordialmente o rádio seja a percepção auditiva - e não o ato visual de “ler” um texto -, ele fixa a voz (e a imagem que ela evoca) fazendo ressurgir uma energia vocal da humanidade, energia perdida no curso da apologia da escrita. O signo dessa ressurgência é a canção que se expande na Europa e na América do Norte a partir dos anos 1950. Então, o que se perde com essa mídia é a corporeidade – o volume real de um corpo do qual a voz é expansão. Mas, no rádio, a voz toma a palavra, daí se considerar o veículo, entre tantas formas de oralidade, como uma oralidade mediatizada. Em tempos digitais, até o computador, bem próximo da escrita, já começa a “falar”...

Assim, compreendemos a grande expectativa que o rádio gerou no Brasil quando surgiram as primeiras emissoras, nos anos 1920. Desde seus primórdios, ele se anuncia como um meio com finalidades puramente educativas e culturais, lembra Ortriwano (1985), tendo em vista que o número de iletrados era muito alto na época³. A função particular de expandir a educação formal que o povo necessitava, idealizada por Roquette-Pinto, fundador da Rádio Sociedade, ao pensar nas regiões mais precárias do interior do país, ideia esta adotada pelo governo Vargas, levou um certo tempo para concretizar-se. O alcance do rádio era limitado e o preço dos aparelhos receptores importados era muito alto, pouco acessível à população em geral.

Entre o final do século XIX e o início do XX, o país havia iniciado uma ação descentralizadora em relação à alfabetização do povo brasileiro, estimulando as casas-escola, que nada mais eram que espaços totalmente improvisados – podemos dizer até precários – (sacristias, salas em câmaras municipais, residências dos mestres etc.) para os quais os alunos se dirigiam para aprender a ler, escrever e contar...

Dessa maneira, ao suscitar uma nova forma de se pensar na educação, pela facilidade de organizar aulas à distância, inicialmente em centros de recepção, o rádio adquiriu um novo valor. Na década de 1930 – com a introdução da publicidade -, inúmeras

³ No primeiro censo brasileiro, realizado em 1872, a taxa de iletrados para o conjunto da população do País era de 82,3% - e referia-se às pessoas de 5 anos ou mais, situação esta que se manteve inalterada até o segundo Censo, realizado em 1890, quando este índice sobe para 82,6%, já no início da República, o que fazia do Brasil o campeão mundial do analfabetismo. De acordo com levantamento feito por Ferraro (2002) a taxa de analfabetismo no Brasil, na década de 1920, era de 71,20% para 26 milhões de habitantes para, em 1940, esse percentual cair para 61,20%, de um total de quase 35 milhões de pessoas. Contudo, na zona rural, ele era preocupante!

emissoras privadas se instalam pelo Brasil afora⁴, anunciando perspectivas de expansão de audiência, gerando lucro com anúncios destinados ao público de ouvintes/consumidores. O rádio assim deixa de priorizar a proposta inicial que, desde então, se busca resgatar.

A linguagem radiofônica próxima da oralidade, em uma composição que envolve a magia dos sons de vozes, músicas, efeitos e até do silêncio, que compõem o que MacLuhan (1964, p. 337-8), considera como “profundidades subliminares”, remete aos primórdios da comunicação por tambores que ecoavam em aldeamentos tribais. Para o autor, a natureza do meio está conectada com seu poder de transformar a psique e a sociedade numa única câmara de eco, esse poder de “retribalizar” a humanidade e de reverter “o individualismo ao coletivismo”. O microfone então, extensão da voz, “aumenta o espaço vocal e reduz as distâncias auditivas [e graças a ele] palavra e música tornam-se verdadeiramente públicas”. Mas há virtualidade presencial – pois a voz que fala se materializa numa “vocalidade desencarnada”, lembra Zumthor (2010, p.10-2) quando se refere à performance vocal do emissor⁵.

A voz também está intimamente associada à cultura, que garantiu a preservação da memória dos povos, observa o autor, num eterno perpetuar de tradições ao falar, cantar ou narrar:

Constitui, em toda cultura, um fenômeno central. Colocar-se no interior desse fenômeno é ocupar necessariamente um ponto privilegiado, a partir do qual as perspectivas contemplam a totalidade do que está na base dessas culturas, na fonte da energia que as anima, irradiando todos os aspectos de sua realidade (ZUMTHOR, 2000, p. 13).

Embora a tradição cristã valorize mais a palavra, nas tradições africanas ou asiáticas se considera sobretudo a forma da voz. Para Calame-Griaule (2003, p. 65) palavra e voz possuem campos semânticos muito amplos, mas complementares, “a “voz” sendo o suporte sonoro da “palavra” articulada, dotada de significado e atualizada na comunicação social, que é o privilégio do ser humano e o diferencia dos animais e das coisas”.

O grande mestre Paulo Freire⁶ em palestra proferida pouco antes de seu falecimento – em que nos transmitiu oralmente a obra de uma vida inteira -, deixou-nos a reflexão de que “a leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”. Para ele, aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se “é antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu

⁴ Segundo Tavares (1999, p. 58) mais de 50 emissoras comerciais entram em funcionamento nos anos 1930.

⁵ É importante frisar que o surgimento das webrádios, desde o início do século XXI, tem trazido inúmeras mudanças do ponto de vista da própria concepção do veículo, ao qual foram incorporadas novas “visualidades” em telas, tais como imagens, textos, para além da linguagem sonora, inaugurando um período denominado *Radiomorfose* (PRATA, 2008).

⁶ Palestra proferida em 07/4/1997, na Feira do Livro de Fortaleza-Ce. Notas pessoais da autora.

contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Além disso, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político. E não pode prescindir da comunicação, essa troca que se realiza entre o educador e os educandos, cada qual com o seu saber e seus modos de ver o mundo.

Assim, tudo o que é proposto como material de leitura, estudos ou lazer, contribui para a cognição de como “estar no mundo”, atuar nele e combater toda forma de opressão advinda da educação tradicional bancária, do acúmulo de tudo aquilo que se quer fixar não criticamente...

II. Leitura, voz e palavra

A literatura faz parte desse universo tão rico e transformador da palavra humana, que nos aproxima dos lugares e contextos mais diversos, seja através de lendas, mitos ou relatos, ficcionais ou não, e dos quais não podemos prescindir. Certeau explica esse fenômeno (p. 84-85):

Contos e lendas se desdobram, como o jogo, num espaço excetuado e isolado das competições cotidianas, o do maravilhoso, do passado, das origens. Ali podem então expor-se, vestidos como deuses ou heróis, os modelos dos gestos bons ou maus utilizáveis a cada dia. Aí se narram lances, golpes, não verdades.

E o autor lembra ainda que Propp, ao abordar a função dos personagens nos contos russos, discorre sobre “as ações relativas a situações conflituais” que solucionadas podem ser libertadoras (apud CERTEAU, p. 85):

[Esta leitura] permitiria reconhecer nos contos os discursos estratégicos do povo [uma vez que] uma formalidade das práticas cotidianas vêm à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida.

Ao mencionar as pesquisas sociolinguísticas, o autor constata também que a criança escolarizada aprende a ler paralelamente à sua aprendizagem da decifração e não graças a ela (2006, p. 263):

Ler o sentido e decifrar as letras correspondem a duas atividades diversas, mesmo que se cruzem. Noutras palavras, somente uma memória cultural adquirida de ouvido, por tradição oral, permite e enriquece aos poucos as estratégias de interrogação semântica cujas expectativas a decifração de um texto afina, precisa ou corrige. Desde a leitura da criança até a do cientista, ela é precedida e possibilitada pela comunicação oral (...)

Dá nos aproximarmos do conceito de *palavra*, em Zumthor (2010, p. 12), que encontra ligações profundas com a voz e que, para ele: “é a linguagem vocalizada, realizada fonicamente na emissão da voz”. Embora afirme que ela, a voz, “ultrapassa a palavra”, o autor vai mais além quando afirma que a voz “é palavra sem palavra; designa o sujeito a partir da linguagem e constitui um acontecimento no mundo sonoro; mas escapa, de algum modo, da plena captação sensorial...”

Apesar da tendência de individualização no mundo globalizado, defendida pelos sistemas econômicos que enaltecem o consumo e a competitividade, pensamos à luz de Freire, que oralidade gera dialogicidade – e que é o diálogo que impõe novo sentido às nossas relações sociais. Freire (2005, p. 90) dizia que: “o mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”.

Em relação à leitura, o Brasil é um país dividido meio a meio entre leitores e não leitores. Revendo essa questão, é salutar refletir sobre as razões que nos levam a não ser um país de leitores potenciais. Sobretudo porque, embora se afirme que a média anual de livros lidos por habitante vem diminuindo, nunca se leu tanto nem foram vendidos tantos livros!⁷

No entanto, os números do nosso mercado editorial refletem a baixa predileção do brasileiro pelo livro em detrimento das notícias compradas “pelos rótulos” em jornais e revistas de manchetes ou através de mensagens curtas de texto nos Smartphone ou tablets.

O déficit de leitura no brasileiro é assustador. Em 2011, o Instituto Pró-Livro realizou um estudo no qual foram entrevistadas mais de cinco mil pessoas em 384 municípios brasileiros. Alguns números da pesquisa revelam pistas sobre o analfabetismo funcional⁸ - entre alunos que concluíram o ensino médio e também superior. A pesquisa revelou ainda que cerca de 50% da população brasileira cultiva o hábito de leitura, com uma média de quatro livros lidos por ano⁹.

⁷ Os grandes centros urbanos são mais propícios ao contato das pessoas com os livros. Contudo, o Brasil, com uma população estimada de 200 milhões de habitantes, fechou 2012 com 3481 livrarias em operação, das quais 49% estão instaladas nas capitais dos 27 estados e no DF e as 51% restantes nas demais cidades. Isto significa que há aproximadamente 1,8 livrarias para cada 100 mil habitantes. Contudo, quase 70% das escolas brasileiras não têm sequer uma biblioteca. A venda de livros nos centros urbanos está associada à penetração de traduções de obras estrangeiras que chegam através da indústria cultural, sobretudo norte-americana, comercializadas simultaneamente aos lançamentos de filmes, em diversas plataformas (MORAES, 2013, p. 22).

⁸ É considerada analfabeta funcional a pessoa que, apesar de conseguir ler as palavras, não consegue entender e consequentemente não consegue interpretar a mensagem de um texto de até 10 linhas com até três parágrafos.

⁹ Em comparação com outros países, este índice é bem baixo: na França a média é de 12 livros lidos por ano, na Espanha 11, nos Estados Unidos 10, na Argentina 6, no Chile 5 e na Colômbia 2. Na Noruega, maior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do mundo, este número impressiona, mas não pela quantidade de livros lidos por ano, cerca de 16, mas pelos 96% população que cultiva o hábito.

Até 2020 todas as escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio deverão ter biblioteca. Mas não basta ter espaço e obras. É preciso incentivar a leitura desde cedo.

O pedagogo e professor Marcus Garcia, integrante do Grupo de Estudos em Inovação Tecnológica da Universidade Federal do Paraná, em entrevista recente na Rádio Câmara¹⁰, traz a reflexão sobre se é a família ou a escola que forma leitores. Na América Latina somos os últimos da fila, ao lado de países que têm IDH inferior ao nosso, ele afirma. A mudança dessa realidade deve ser pensada em todo o sistema educativo – a começar pelo hábito da leitura em família – histórias contadas, o prazer de ler e estimular a imaginação, identificação com personagens infantis, tudo o que motive a criança. Além disso, o estímulo é muito importante na escola se disponibilizarmos ambientes para leituras. Para tanto, sugere que os professores pratiquem a “contação de histórias”, com personagens personificados pelos contadores que teatralizam obras de histórias mais clássicas ou contemporâneas, com dramatizações.

Este estímulo também passa pelos meios de comunicação. E o rádio tem papel fundamental neste sentido. 70% das pessoas ouvem rádio pela internet ou celular, principalmente os jovens. Seis em cada dez pessoas têm o hábito da escuta diária de, pelo menos, 3 horas de rádio, enquanto trabalha, digita ou realiza outras atividades. Músicas e notícias são os gêneros preferidos porque o rádio oferece poucas opções além dessas. Mas os ouvintes afirmam que o rádio faz parte de suas vidas...

Canclini (2008, p. 33-4) recorre a Martín-Barbero quando este afirma que: “os saberes e o imaginário contemporâneos não se organizam, faz pelo menos meio século, em torno de um eixo letrado, nem o livro é o único foco ordenador do conhecimento”. Contudo, destaca que a concepção da escola que admita essa interação com “a cultura oral e a audiovisual-eletrônica” encontra resistências:

Agora, a convergência digital está articulando uma integração multimídia que permite ver e ouvir, no celular, no palm ou no iPhone, áudio, imagens, textos escritos e transmissão de dados, tirar fotos e fazer vídeos, guardá-los, comunicar-se com outras pessoas e receber as novidades em um instante. Nem os hábitos atuais dos leitores-espectadores-internautas, nem a fusão de empresas que antes produziam em separado cada tipo de mensagem, permitem agora conceber como ilhas isoladas os textos, as imagens e sua digitalização (CANCLINI, 2008, p. 33-4).

¹⁰ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/materias/PALAVRA-DE-ESPECIALISTA/477054-QUEM-INFLUENCIA-MAIS-NA-FORMACAO-DO-PEQUENO-LEITOR-A-FAMILIA-OU-A-ESCOLA-BLOCO-1.html>. Consulta realizada em 5/1/2015.

Mesmo antes da convergência digital, as histórias seriadas, que se iniciam nos jornais franceses ainda no século XIX, já faziam sucesso no rádio europeu e revelavam talentos autorais na América Latina. No Brasil, novelas, dramas, ficção tornaram conhecidos e ilustres, desde os anos 1930, escritores e escritoras que, anos depois, passaram a escrever este gênero para a televisão, como ocorreu com as novelistas Ivani Ribeiro e Janete Clair, especialistas em radioteatro.

Devemos considerar que, embora tenhamos o privilégio de viver hoje em um país em que a média de analfabetismo oficial é de 9,3%, temos ainda em localidades das regiões Norte/Nordeste um índice de analfabetismo que atinge 16,6%, entre as pessoas com 15 anos ou mais e que são consumidoras de diversas mídias. Esta realidade deve ser considerada já que, no entender de Pires Ferreira (1985, p. 184), “o povo foi eletronicizado antes de ser alfabetizado”.

III. Radiodramaturgia e radioescola

Foi na região Nordeste que, de 1996 a 2001, pudemos desenvolver um trabalho de formação radiofônica comunitária através de um projeto de cooperação internacional ONG¹¹, apoiado pela Bélgica, cuja análise foi publicada posteriormente (AMARANTE, 2012).

Durante os encontros com adolescentes da periferia da cidade de Fortaleza, eram realizadas leituras críticas de material produzido pela mídia impressa e, em seguida, solicitávamos a produção de matéria radiofônica de conteúdo sociocultural. Tínhamos como objetivo refletir sobre a “exclusão” social, além de melhorar o vocabulário e a expressão escrita e oral dos jovens; despertá-los para a compreensão de textos e pesquisa; exercitar a criatividade para os diversos formatos possíveis no rádio e o incentivo à autonomia de produção.

Em meio a textos previamente escolhidos houve um que, particularmente, gerou grandes debates: a matéria “Despejados do mundo”, de Rinaldo Gama, da seção Livros da *Revista VEJA*, edição de 19/05/93, sobre a trajetória de vida de Carolina de Jesus e sua obra primeira *Quarto de Despejo*. O quadro negro foi dividido em duas colunas (+) e (-) para visualizarmos o resultado das discussões que se seguiram sobre as condições favoráveis e desfavoráveis que a escritora encontrou na vida para realizar-se como pessoa e escritora. A

¹¹ O projeto “Jovens e radiofonia alternativa: educação popular e inserção social” apresentado pela ONG Solsoc (Solidarité Socialiste) e aprovado pela AGCD (Agence de Coopération pour le Développement) do Ministério das Relações Exteriores da Bélgica, previa um trabalho de assessoria à Associação das Rádios Comunitárias de Fortaleza, no tocante a projetos de formação de jovens comunicadores comunitários.

partir desses elementos, os participantes deveriam criar livremente, em equipes, um material radiofônico, em qualquer formato conhecido, para ser gravado e avaliado.

Os resultados foram surpreendentes: as matérias foram bem diversificadas e eles contemplaram diferentes gêneros: - um programa de entrevistas com uma possível Carolina de Jesus viva; - um sociodrama em um quadro chamado “Esta é a sua vida”, com personagens representando a trajetória de uma favelada; - um rádio documentário sobre a escritora (formato que ainda não haviam aprendido) - reunindo várias entrevistas e um texto de locução -, e, por último, um áudio-debate sobre a trajetória da escritora. Todos os participantes expressaram um grande contentamento pelo resultado e pelo texto da revista que trouxe conhecimento e gerou uma identificação com a condição em que viviam. Houve até mesmo promessas de que iriam procurar a obra para aprofundar a leitura.

Posteriormente, com a Lei 10639/03¹², um programa radiofônico dramatizado foi produzido sobre a biografia da escritora.

Com o surgimento das radioescolas, os materiais educativos dramatizados proliferaram. Um deles, particularmente, dentro de um programa denominado *Tertúlia*, produzido por alunas do CMES – Centro Municipal de Educação e Saúde Prof. Monteiro de Moraes, de Fortaleza, que abrigou a *Radioescola Sapiranga* entre 1998-2001, denunciava o trabalho infantil, a partir de uma campanha patrocinada por uma emissora de televisão. Este áudio, “Diga não ao Trabalho Infantil”, cuja produção realizou-se com a nossa colaboração, foi o responsável pela escolha do programa para receber o 1º. Prêmio Ayrton Senna de Rádio, em 1999 (AMARANTE, 2012, p. 132).

Neste aspecto, o trabalho de formação em radiodramaturgia teve efeitos positivos e ofereceu meios para que os estudantes se aperfeiçoassem em equipes e desenvolvessem uma produção mais aprimorada e didática, uma vez que o teatro era o gênero preferido nas rádios¹³, o que veio a reforçar a criatividade e a espontaneidade deles. Aqui caberia evocar as ideias de Brecht (2007, p. 231-232) quando discorre sobre arte e educação como tarefa formal do rádio de “tornar interessante o que interessa [e] realizar artisticamente uma parte disso, especialmente a parte destinada à juventude”. Para o autor:

¹² A Lei Federal 10.639/03, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-Lei 9.394/96), torna obrigatório o estudo sobre a cultura e história afro-brasileira e africana nas instituições públicas e privadas de ensino e as Diretrizes Curriculares Nacionais e é complementada por outras políticas de ações afirmativas, como publicação e produção de materiais.

¹³ Um dos textos produzidos por adolescentes, *Medo de Ginecologista*, foi analisado no artigo “Medo de ginecologista: dramaturgia, gênero e saúde da adolescente na rádio-escola” (AMARANTE, 2004), publicado na Revista Digital Comunicação e Saúde, V. 1, n. 1, 2004. Disponível em www.comunicasaude.com.br/revista/01/artigos/artigo10.asp.

Seria ainda possível organizar um trabalho conjunto das organizações teatrais e radiodifusoras. O rádio poderia transmitir o coro ao teatro, bem como levar ao espaço público as decisões e produções oriundas da vontade do público que se reuniu em organizações coletivas das peças didáticas etc. (BRECHT, 2007, p.232)

A partir das radioescolas, cujas experiências remontam aos anos 1980, o rádio também adquiriu importância como instrumento pedagógico que contribui na ampliação do conhecimento dentro e fora da sala de aula. Ele estimula a leitura, a pesquisa - aviva o desejo de aprender, de adquirir conhecimento.

Há inúmeros exemplos de experiências que caminham nesta direção, como a do projeto “As ondas do rádio”, da Escola Estadual Castelo Branco no Município de Manacapuru, no Amazonas, que propicia leitura e informações e reforçam a tradição oral da região. Ali, 65% dos participantes informaram que sua aprendizagem se deu através da pesquisa bibliográfica e expressões verbais; 35% apontaram a aprendizagem por meio das produções oral e escrita e 100% afirmaram que a utilização do rádio foi de grande importância na produtividade e no rendimento escolar.

O Projeto de Extensão “A Literatura nas Ondas da Rádio”, uma parceria entre a Universidade Estadual de Goiás e a Rádio Cerrado FM de Sanclerlândia, propõe divulgar contos, lendas, mitos e causos, ou seja, divulgar a literatura para os acadêmicos, discentes da educação básica e comunidade de forma geral. Sendo assim, utiliza o resgate da cultura de contação de histórias, além de despertar o interesse pela leitura e também oferecer ao público uma mostra da produção literária de grandes autores contistas. Entre as biografias narradas pode-se citar “A vida de Aleijadinho”.

São inúmeras as radioescolas espalhadas pelo país e que estimulam a leitura: RádiOM – “A voz dos alunos”; Rádio Brigadeiro – “O doce é cuidar do Campeche”; Rádio MDP – “Atitude para aprender”; Rádio Mâncio Costa; Rádio Galera; Rádio Mix; Estação É JÁ “A estação que vai fazer história”; Onda Jovem - “Impossível viver sem ela”; Rádio MC, “A voz do estudante” etc. que merecem estudos aprofundados. Em todas elas, os alunos criam, inovam junto a seus professores, aprendem a trabalhar com a linguagem radiofônica e, o que é mais importante, melhoram a cada dia sua capacidade de ler e escrever e são estimulados a leituras sobre as matérias que estudam, desde a história, passando pela Geografia até chegar à literatura.

Mais recentemente, trabalhamos com uma radioescola na tríplice fronteira, na cidade de Puerto Iguazu, na Argentina, a partir de um projeto de extensão da Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, que se iniciou em 2013. Um dos

docentes, junto a uma pequena equipe de estudantes, havia começado a preparação dos alunos de duas classes da 6^a. série do ensino fundamental da Escuela Intercultural Bilingue de Frontera n. 2, com seus pares argentinos, uma vez por semana. Por meio de discussões teóricas e práticas de produção de pequenas peças radiofônicas, incluindo leitura de poesias e notícias locais, as crianças foram criando gosto pelo rádio. Até simples “dedicatórias” elaboradas por eles eram convertidas em programas e havia o momento de “microfone aberto”, de puro improvisado para livre expressão dos alunos entre 9 e 11 anos de idade.

A partir desses encontros entre acadêmicos, alunos da 6^a e da 7^a séries, em conjunto com seus professores, foram discutidas as expectativas dos próprios estudantes em relação à nova mídia que estava por vir. Ao longo do ano, por meio de exercícios práticos de produção, sonorização, edição digital e sensibilização à comunicação participativa e dialógica, todos foram capacitados para atuar como comunicadores e puderam iniciar as transmissões na *Radioescuela El Bilinguito*, durante o recreio, com um amplificador, um microfone e um notebook, dando vez e voz aos que desejassem participar.

Naquele momento, previu-se a montagem de um estúdio com isolamento acústico, mesa de som, bancada, microfones, pedestal, gravadores, amplificadores e um computador que oferecesse à escola um meio de transformar-se em uma verdadeira rádio FM, com o estímulo trazido pela nova Lei de Mídia no país¹⁴ (AMARANTE, 2016, p. 179).

Outras experiências representativas merecem ser registradas e divulgadas, mostrando o que poderia haver em comum, por exemplo, entre a adaptação protagonizada por crianças do mito fundador de Timor-Leste - *a Lenda do Crocodilo* - para a *Rádio Nacional* daquele país, entre 2005-06 e um projeto do Centro Cultural Brasileiro, em Cabo Verde, de contação de histórias infantis na *Rádio Educativa*, que conhecemos entre 2011-12. Todos eles traduzem a vocação do rádio para tratar de temas culturais tão diversos através da literatura, da ficção e das biografias.

IV. Timor-Leste e a mitologia no rádio

Ao voltarmos nossa atenção para este pequeno país de pouco mais de um milhão de habitantes que ocupa a metade leste da ilha de Timor, entre os oceanos Pacífico e Índico, hoje em uma fase avançada de implantação de políticas públicas educativas, há que se valorizar a experiência de tantas pessoas empenhadas em contribuir para com o desenvolvimento desse setor prioritário para seu desenvolvimento. A língua portuguesa,

¹⁴ A Ley 26.522 de Servicios de Comunicación Audiovisual, sancionada em 10 de outubro de 2009, que divide as concessões de meios entre o Estado, empresas privadas e organizações comunitárias (sistema público, privado e sem fins lucrativos).

desde 2002 oficializada como idioma junto ao tétum - e idioma primordial na educação -, tem aglutinado inúmeros educadores em torno de uma maneira eficaz de divulgação e ensino. Assim, se buscam meios para alfabetizar jovens e adultos e as melhores estratégias para estimular o uso do idioma em todos os cantos do país, incluindo neste processo pessoas que estão fora do ensino formal, principalmente do povo que vive nas montanhas e constitui quase 80% dos habitantes.

Em 2005, logo que chegamos a Timor-Leste para uma missão educativa junto ao Ministério da Educação¹⁵, tivemos contato com um grupo de meninos e meninas cantores que se reuniam para defender o direito das crianças¹⁶. Eles também faziam um programa no rádio e demonstravam uma notável vocação para o teatro. Então, surgiu a ideia de propor-lhes uma adaptação da *Lenda do Crocodilo*, o que foi mais fácil de ser trabalhado, uma vez que o grupo já dominava a linguagem radiofônica, utilizando as sonoridades da voz e da música para se comunicar. Afinal, uma das formas de nos aproximarmos de um povo é justamente através da compreensão do universo mitológico, revelador de sua cosmogonia, da compreensão ou idealização do mundo que revela. Quando entramos no estudo de um mito, deparamo-nos com um conjunto de elementos culturais que é possível desvendar. A liberdade para a contação de uma história mitológica dramatizada, com a qual todos se identificam e conhecem ao menos uma versão, traz à tona um conceito de identidade como pertencimento à região e ao país – tão importantes para se criar um elo intrínseco com a realidade, como ocorre na mitologia.

Fizemos então uma leitura da versão da *Lenda do Crocodilo*, de Luis Cardoso, *O Crocodilo fez-se ilha*, que se manifesta como uma continuação da oralidade timorense e tem como herói uma menina, trazendo a ideia da complexização, de união que legitimará a geração de descendência que povoará a ilha. Essa feminização chamou a nossa atenção dentro da proposta deste trabalho. No entanto, uma simples tradução dessa lenda não seria suficiente, pois pensávamos nos objetivos educativos desse pequeno projeto. Afinal, o rádio, como preconiza Brecht (1932, p. 9)¹⁷ tem como missão formal “dar a essas tentativas instrutivas um caráter interessante, isto é, fazer interessantes os interesses. Pode inclusive dar uma forma artística a uma parte, especialmente a destinada à juventude.”

Para a radiofonização do mito fundador, optamos por uma mini-série, em três capítulos. A dramatização serviria não apenas para valorizar o texto, mas também para

¹⁵ Enviada pela DGCI/Capes – Ministério da Educação no âmbito do projeto “Formação de Docentes em Língua Portuguesa”.

¹⁶ MacCrianças Unidas que, na época, já havia gravado três Cds.

¹⁷ Publicado no site <<http://www.radiolivres.org/node/3667>>, tradução de Regina Carvalho e Valci Zuculoto.

conduzir a performance dos pequenos atores e a capacidade deles em transmitir emoções a partir das inflexões da voz, revelando suas habilidades comunicativas. A lenda foi ambientada em uma sala de aula de português, com alunos que perguntam, em tétum, o significado de palavras que não compreendem.

Assim, começamos a pensar na necessidade de, além de aprimorar o idioma, trabalhar as características do animal mítico timorense – o crocodilo – estimulando as crianças a compreender noções de ecossistemas tais como: cadeia alimentar, habitat etc. Alguns professores de ciências contribuíram nesta tarefa de consultoria. Depois, foram incorporadas pesquisas sobre a alimentação infantil, feitas pelas crianças na escola e em organismos governamentais, a fim de elaborar conselhos aos que ingeriam alimentos não muito saudáveis e não recebiam merenda.

A adaptação do texto foi sendo feita aos poucos e os pequenos se encarregaram de escolher seus personagens, fazer testes de vozes entre si, dar sugestões etc. O roteiro foi ambientado em uma sala de aula, onde uma aluna brinca de professora e vai começar uma história em português anunciada pelo clássico “Era uma vez...” (Kolia português hamutuc ho labarik mac-crianças unidas)¹⁸. Em seguida, os alunos começam a intervir com perguntas sobre a lenda, o vocabulário usado (por exemplo, a diferença entre velha e antiga, o significado de mandíbula, predador, carnívoro, encalhado etc.), os conceitos de adjetivo, sujeito, antônimos..., até que o protagonista principal - o crocodilo - aparece personificado e começa a contar a própria história com a ajuda dos demais personagens que vão chegando: os animais que sobreviveram na floresta e a bondosa menina Titi, que irá salvá-lo. O tom que usa é sempre o da defesa de suas ações predatórias, como a de ter devorado, após o dilúvio, boa parte da fauna e os pais da menina, que de nada sabia. O crocodilo se faz passar por velho e doente para atrair Titi e pedir-lhe que o leve até o mar. Apesar dos conselhos de que não o fizesse, o coração bondoso da menina a levou à boa ação. Para agradecê-la, o animal desiste de atacá-la, transforma-se em ilha que oferece à salvadora para que esta se case e construa o futuro país, perpetuando a missão procriadora feminina (AMARANTE, 2010, p. 129). O crocodilo, em Timor-Leste, é visto como *avô*, ancestral mitológico do povo do Timor - cuja ilha tem a sua forma - e aparece em inúmeras manifestações artísticas. Pela primeira vez foi levado ao rádio na voz de crianças, com objetivos educativos.

¹⁸ Aprenda português com as crianças do Mac-Crianças Unidas.

V. Cabo Verde e a literatura lusófona no rádio

O Centro Cultural Brasil-Cabo Verde (CCB-CV), na cidade da Praia, capital do país situada na Ilha de Santiago, possui uma biblioteca infanto-juvenil de fazer inveja, muito frequentada por crianças em idade escolar. É de lá que surgiu a ideia de algumas professoras de contar histórias no rádio a fim de estimular a leitura de obras de escritores lusófonos.

O lançamento do projeto “Conta outra vez”, na *Rádio Educadora da Praia*, emissora pública estatal onde se desenvolvem programas de educação à distância, ocorreu em 2010. Desde então, por ali já passaram textos e personagens de Mia Couto, Saramago, Ziraldo e muitos outros autores, na expressão de vozes de brasileiros e caboverdianos, narradoras e narradores.

Este Centro Cultural, mantido pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Itamaraty)¹⁹ e dirigido pela jornalista brasileira, Marilene Pereira, tem como missão principal a promoção da língua portuguesa, que une povos de oito países, e promove, igualmente, os vários aspectos da cultura, tanto do Brasil quanto de Cabo Verde. Assim, oferece um campo amplo de atuação abrangendo várias formas de manifestação cultural, como atividades educativas, artísticas, musicais, cursos e reforço de aulas de português, que somadas a de outras instituições, reduziu a taxa de analfabetismo no país, que entre 1975-97 era de 60,7%, para cerca de 26% da população. Atualmente, a escolaridade supera 90% com 145.000 alunos frequentando o ensino pré-escolar, básico e secundário.

O programa radiofônico semanal, único no gênero entre as 20 emissoras existentes, ajuda a transformar o aprendizado da língua em um momento lúdico, uma vez que o ambiente local é dividido entre a oralidade em língua crioula, ainda não oficializada, e a escrita em português, idioma oficial, o que traz inúmeras dificuldades quando se trata de redigir.

Durante nossa atuação no Leitorado Brasileiro, pudemos colaborar nas contações, narrando os textos “O gato e o escuro”, do moçambicano Mia Couto, com o personagem Pintalgato, assim como o do brasileiro Ziraldo, “Olha o olho da menina”, gravados e editados com sonorização.

¹⁹ O Centro Cultural Brasil - Cabo Verde (CCB-CV) é uma instituição criada pelo governo do Brasil, através de uma Portaria do Ministério das Relações Exteriores de 16/10/2002. Disponível no site <http://www.ccb.cv/article/2>. Consulta realizada em 30 de junho de 2016.

VI. Considerações

Em todas as experiências trazidas ao longo deste trabalho, percebe-se a potencialidade de uma *praxis* transformadora no rádio, que aparece como uma das fontes de mediação cultural por excelência, à qual também se agrega, no entender de Orozco-Gomes (1996, p. 84) outras fontes que têm origem na mente das pessoas, em suas emoções e em suas experiências prévias²⁰.

Compactuamos com o pensamento de Martín-Barbero quando este afirma que a leitura é:

A atividade por meio da qual os significados são organizados num sentido [e que] não haveria neste ato apenas a reprodução, mas também produção, uma produção que questiona a centralidade atribuída ao texto-rei e à mensagem entendida como lugar da verdade que circularia na comunicação (Martín-Barbero, 1997, p. 291).

O registro de histórias de vida, contos, lendas e outros textos que remetem à vida de personagens - temas recorrentes no rádio de todos os continentes -, reavivam nossa relação cotidiana com a literatura e a narrativa. E estes intercâmbios de experiências e vivências, se não melhoram de imediato o ambiente escolar ou a qualidade do ensino, ao menos colocam o diálogo na linha de frente, fortalecendo a participação humana e social de atores jovens. E a comunicação radiofônica vai se tornando, aos poucos, um instrumento pedagógico de grande alcance.

Os exemplos citados aqui mostram a importância e a necessidade de restituir a capacidade do rádio de atrair, educar de forma prazerosa e lúdica, em vários formatos e suportes, como o celular, o computador, tablets, aparelhos analógicos e digitais, aliando entretenimento e educação. E as escolas, além de oferecer a crianças e jovens uma educação para as mídias em circuito interno de rádio, também poderiam estimular a produção de materiais educativos pelos alunos para rádios locais, online ou FMs.

Em seus estudos sobre telenovelas, Borelli (1996, p. 52), deixa-nos a reflexão sobre o fato de que “elementos do cotidiano, quando transformados em ficção, tornam-se capazes de estabelecer um diálogo direto entre produtores, produtos e receptores”, uma vez que “os gêneros ficcionais congregam, em uma mesma matriz cultural, referenciais comuns, tanto a emissores e produtores, como ao público receptor”.

Com base nessa afirmação - e no diálogo possível entre ficção e realidade que a linguagem dramática permite -, sobretudo no rádio, podemos afirmar que essa é uma forma didática de discussão dos temas cotidianos que reforça as identidades culturais no âmbito

²⁰ Tradução livre do espanhol.

local, suscitando novas leituras do mundo, em contraponto a tudo o que aparece de forma massiva e entorpecedora nos meios de comunicação hegemônicos.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Maria Inês. Radioescolas e a construção da cidadania na tríplice fronteira. In: **Política, medios y identidad en regiones fronterizas**, Carlos Alberto Garcia da Rosa y Flavi Ferreira Lisboa Filho (orgs), Posadas, Argentina: Universidad Nacional de Misiones, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFSM, 2016, p. 179-192.

_____. **Rádio comunitária na escola: adolescentes, dramaturgia e participação cidadã**. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. **Guerrilheiras da Palavra. Rádio, oralidade e mulheres em resistência no Timor-Leste**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica, São Paulo, PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010, 278 p.

BORELLI, Sílvia Helena Simões, MIRA, Maria Celeste. Sons, imagens, sensações: radionovelas e telenovelas no Brasil. São Paulo, **Revista Intercom**, V., XIX, n. 1, p. 33-57, jan./jun., 1996.

BRECHT, Bertolt. O rádio como aparato de comunicação. Discurso sobre a função do rádio. **Estudos avançados**, São Paulo: USP, v.21 n.60, maio/ago. 2007, p.227-232.

_____. **Teoria do rádio** (1927-1932), Tradução de Regina Carvalho e Valci Zuculoto, disponível no site <http://www.radiolivres.org/node/3667>. Acesso em 5 de fevereiro de 2016.

CALAME-GRIAULE, Geneviève. A nasalidade e a morte. Trad. Liana Driga. In: **Projeto História**. Interpretando práticas de leitura, São Paulo: EDUC-PUC, CNPq, n. 26, Junho 2003, p. 65-74.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas** / tradução Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão. 2. ed., São Paulo: EDUSP, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Trad. Efraim Ferreira Alves, Petrópolis: Vozes, 3. ed., 1998.

FERRARO, Alceu Ravello. **Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?** Campinas: Educ. Soc., vol. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevista a Maria Immacolata Vassallo de Lopes, São Paulo-USP: **Revista Matrizes**, Ano 2, n. 2, primeiro semestre de 2009, p. 143-162.

_____. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito; Sérgio Alcides, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MORAES, Dênis de. Sistema Midiático, Mercantilização Cultural e Poder Mundial, In: MORAES, Dênis et al. , **Mídia, Poder e Contrapoder**. Da concentração Monopólica à democratização da informação, São Paulo: Boitempo, 2013, p. 19-52.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Televisión y Audiencias**. Un enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de la Torre; Universidad IberoAmericana, 1996.

ORTRIWANO, Gisela S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1985.

PIRES-FERREIRA, Jerusa. Quero que vá tudo pro inferno: cultura popular e indústria cultural. **Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo: UMESP, nº 13, Jun. 1985, p. 179-185.

PRATA, Nair. **Webradio: novos gêneros, novas formas de interação**. Trabalho apresentado no VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2-6/9/2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/estudioderadio/wp-admin/textos/webradio_novos_generos.pdf.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. Da galena ao digital, desvendando a Radiodifusão no Brasil e no Mundo, 2. ed. São Paulo: Ed. Harbra, 1999.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Porchat; Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Permanencia de la Voz. In: **Performance, Recepção, Leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: EDUC, 2000.